

Encantamento

Maria Beatriz Sandoval Camargo



*Encantamento
de amigas,
de palavras,
de momentos,
na poeira dos caminhos...*

"Duas vidas todos temos, muitas vezes sem saber: a vida que nós vivemos e a que sonhamos viver. Sonho e realidade entrelaçam-se em nossa existência. Sonhamos à noite, sonhamos de dia: sonhos leves, sonhos tristes... Todos somos eternos sonhadores."
Meu desejo é que encontre, em seus caminhos, sonhos encantados de esperança.

Carinhosamente,

Dezembro/2006.



*A todos,
que me encantaram
com sorrisos,
carinho
e amor...*

dezembro/2006.

ÍNDICE

A ABELHINHA CHOCOLATEIRA	06
A CASA REDONDA	08
A COLCHA DO VOVÔ	10
BAÚ DA BOA-SORTE	11
BUSCA DE EMOÇÃO	13
COLAR DE CONCHAS DO MAR	14
DIÁLOGO INTERIOR	15
ELOS PARALELOS	16
ENTREAMOR	17
ESPUMAS DO MAR	17
FAZ MAL... FAZ BEM...	18
FLAUTA ENCANTADA	19
ANDARILHA DE BUSCAS	19
JOGO	20
LEMBRANÇAS	21
MINHA CASA	22
MOMENTO	23
SOPROS DE VIDA	23
O ESTRANHO ESTRANHO	24
QUADRO	24
PALAVRA/LUZ/TECELAGEM/	25
FELICIDADE/ROQUE	
POBRE TROVADOR	26
RETORNO, LEMBRANÇAS...	27
EU, SOZINHO...	27
FAZ-DE-CONTA QUE...	27
RUAS MAL-ILUMINADAS	28
SERPENTEANDO	29
SANTUÁRIO ESQUECIDO	30
SONHE, MINHA MENINA!	31
TIJOLO	32
TERROLHOS	32
A CHUVA DA BELA	32
UM PERTENCE ETERNO	33
VERDES, FLORES E CÉU	35
VIDA / BICO ?!	36
A CASA DA ESQUINA	37

ADIVINHE!	38
BAÚ	39
BOM DE BOLA	40
LÁGRIMAS DA SAUDADE	40
CALMA... BOM-SENSE	41
DELÍCIAS DA ALMA	42
ENCANTO FEMININO	43
ESPERA-ENCONTRO	44
ESTRADA	45
FÉ ESPERANÇA	46
FLOR DE SEDA VERMELHA	47
LANTERNA DE ROSAS	48
MAL-HUMORADO? NUNCA MAIS...	49
MÃOS	51
AGRADEÇO, SENHOR!	51
MOMENTO DE FELICIDADE	52
NA POEIRA DA VIDA	53
O SABIÁ ENAMORADO	54
PÉTALAS DA VIDA	54
PÉTALAS DE ROSAS	55
O PÔR-DO-SOL	55
ROSINHA DO NORDESTE	56
SE FOSSE UM CAVALEIRO MEDIEVAL...	57
SOMENTE HOJE	58
VAGA VALSA	59
RAGU REFINADO	59
VIAGEM	60
ZÉ DA ESQUINA	61
BIBELA	62
SONHO	62
O RETORNO	62
FAÇA, LACE!	63
CHEGA, CHEGA DE POBREZA!	63
ENCANTO GUARDADO	64
UM BUQUÊ DE ROSAS	65
DUAS, POR FAVOR!	66
AQUELES OLHOS NEGROS	67
TARDE DE VERÃO	69
SANDUÍCHES...ESPECIAIS!	70

A ABELHINHA CHOCOLATEIRA

Nasceu, numa enorme colméia,
Uma abelhinha tetéia!
Era listrada, gordinha,
Com asas transparentes,
Encantando os parentes,
Com seu lindo jeitinho.

Cresceu fazendo folia,
Pois era só alegria:
Cantava, dançava
E violão-folha tocava.

Chegou a hora de trabalhar,
Para a enorme família ajudar.
O mel devia buscar,
Nas flores coloridas sugar.

Que desastre aconteceu!
Ao invés do doce nascer
Amarelo, brilhante, gostoso,
Um líquido escuro, viscoso,
Começou aparecer.

Ora, ora, abelhinha!
Onde é que se meteu?
Precisa cooperar,
Deixe, deixe de brincar.

No dia seguinte, retornou,
Tentando colaborar:
Água escura, outra vez,
Foi o que ela fez.

Furiosas com a brincadeira,
Que não tinha eira nem beira,
Resolveram a poção provar,
Para, em seguida, reprovar.

Delícia, delícia!
Começaram gritar.
Não é mais gostoso que o mel,
Mas tem o sabor do céu.

Descobrir o segredo tentaram.
E a abelhinha puseram a seguir.
Qual seria a flor que achara?
Que a todos encantara?

Não é que era cacau,
No meio do matagal!
Assim, nasceu o chocolate,
Não confunda com erva-mate.

E a abelhinha chocolateira,
Toda, toda matreira,
Não queria brincadeira
Com sua invenção verdadeira.

(Baseado na fábula de Katia Canton, *A Abelha Chocolateira*,
publicada na Revista, "Nova Escola"-jan./fev./06)



A CASA REDONDA

Aquela casa da esquina,
Quase, quase me alucina...
Toda ela é redonda,
Até parece uma onda.
Sinceramente, é medonha,
Ora, ora, que vergonha!
Amarela é sua cor,
Ai, ai, ai, que horror!
Faz tempo que está pra alugar,
Mas ninguém quer nela entrar...

Puseram uma família a guardar,
Apenas, pra não a roubar.
Porém que gente esquisita,
Esta que a habita!
Há um pinóquio-menino,
Que apesar de pequenino,
Tem um enorme nariz,
E, também, com cicatriz!
O pai usa um bigode,
Semelhante a um papelote.
A mãe, senhora gorducha,
Penso que é uma bruxa,
Pois vive sempre a gritar,
E a todos se põe a chamar...
Fora, fora, a cachorrada,
Que vivem a atiçar,
Para alguém abocanhar.

Quando passo na calçada,
Fico toda alvoroçada,
Com medo de ser ferida,
Ao levar uma bela mordida!

Aquela casa da esquina,
Imagino ter triste sina...
Melhor seria cair,
E outra moradia surgir.

Quem sabe traria alegria,
A todos do bairro e da rua,
E até encantaria
A sonhadora Lua.



A COLCHA DE VOVÔ

A colcha de vovô
Era feita de pedacinhos de tricô.
Quanta cor!
Quanto calor!

Verdinho era o sofá,
Com farelos de bolo de fubá,
Hábito, bem mineiro,
Não sendo dele primeiro.

Folhas, folhas de jornal,
Cobriam de cinza o local.
Faziam vovó reclamar,
Pois sempre estava a catar.

E os lenços tão branquinhos,
Cheios, cheios de biquinhos,
Serviam para limpar
O suor, ao transpirar.

E os papéis cheios de letras
Pareciam borboletas,
Com rabisco colorido,
Contando a história do ido.

Quentinho, no seu cantinho,
Vivia sempre a escrever,
Deixando os óculos escorrerem,
Não importando o desalinho.

Dom Bias, seu apelido,
Era, por ele, querido.
Assim, era que assinava,
No finzinho, do que pegava.

Todo, todo entardecer,
No radinho, escutava
As preces de agradecer,
Pedindo para não adoecer.

BAÚ DA BOA-SORTE

Cenário: Cozinha/ sala (simplesmente mobiliados)

Personagens: Mãe (40 anos- traje: dona de casa)
Filha (17 anos- traje:jeans- miniblusa)

Mãe (*mexendo nas panelas, prepara o almoço*)
(*toca o telefone*)

Lu, atenda o telefone! Senão a comida queima...

Filha (*dança e canta, acompanhando o show de rock da TV*)

Ai, mãe! Logo agora...Deixe as panelas e vá atender você. Ouça que legal a música! Imperdível...Preciso aprender a virada do cantor, que é um pãozinho de fofura!

Mãe

Tá bom...tá...bom...Pronto! Não, meu senhor, aqui não mora nenhuma Vani. Ai! Que raiva! Acho que já pus sal no feijão. Não gosto de provar. Vai mais uma pitadinha.

(*novamente, o telefone*)

Mãe

Please, Lu! Largue esse roqueiro desajeitado, mal-vestido pra chuchu, atenda pra mim!

Filha (*dançando e aumentando o volume*)

Never, mãe! Dá um tempo pra sua dear filhota...

Mãe (*já nervosa*)

Pronto! Já lhe disse que aqui não é a casa de nenhuma Ivânia, Vani, ou qualquer outra.

Agora, preciso temperar a carne. Cadê o sal? Ah! Está aqui, bem no meu nariz. (*pega o açúcar, em vez do sal, e grita para a filha*)

Abaixe esta porcaria! Estou ficando surda e minha cabeça está zoando.

Que saudades de Frank Sinatra, Chico Buarque, Tom Jobim! Tão românticos! *(suspirando)*
(virando-se para a filha) Lu, precisa estudar. Amanhã é o ENEM e não está nem aí... Quem sabe você ganha a bolsa numa faculdade particular. É assim que quer ser médica? Só pensa em dançar e cantar e sair com as amigas. Ai, ai, que será que fiz? Minha única filha...

Filha *(pondo as mãos na cintura)*

Eu, hein mãe! Jamais uma faculdade particular. Quero entrar na USP. Ser uma superdoutora. Chega de miséria!!

(novamente o telefone)

Mãe *(irritada e enxugando as mãos)*

Nem adianta pedir pra ela. Vamos lá! Sim, sim, é a Ivone. Ah! sim, erraram meu nome. Funcionário novo e pouco sabe ler! Entendo...

Como?!? Ganhei o prêmio do Baú da Boa-Sorte! Dez mil reais!!

Não acredito!?!

(Lu desliga a TV e chega perto da mãe. A casa cheira comida queimada)

Quando poderei buscá-lo? Hoje!! Obrigada, senhor!!

(Mãe e filha abraçadas e chorando de alegria)

Mãe

Até que enfim alcancei a graça que tanto pedia, para darmos um jeito em nossa vida.

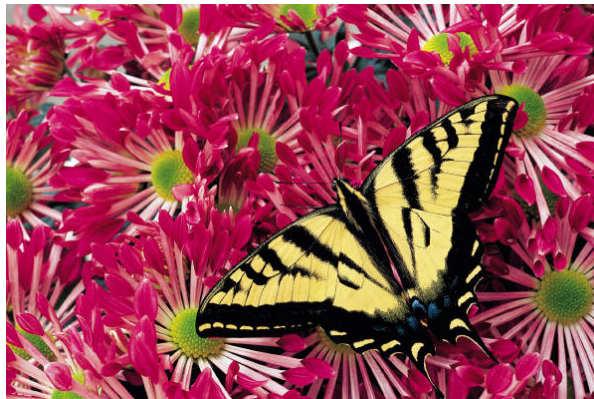
Filha

Agora, sim, mãe! Poderia fazer um bom cursinho e ser uma doutora para cuidar deste povo tão querido. Vamos, também, dar uma melhora em nossa casinha: pintá-la e comprar móveis novos.

(A mãe tira o avental, deixa as panelas queimando e arruma-se rapidamente. E as duas saem abraçadas, cantando a música do roqueiro).

BUSCA DE EMOÇÃO

Palavras traduzem emoção
Basta uma brisa para acordá-las
E, despertando-as, voamos em suas asas
Visualizando o que nos dá prazer
As águas do mar, com espumas borbulhantes
O esvoaçar de aves
O farfalhar dos galhos
Os aromas da natureza
O cintilar dos olhos da noite
Os sorrisos-purezas de crianças
O bimbalar de sinos-campanários
O som de melodias
Os olhares enamorados
A mão acariciante
Os dizeres de compaixão
Os escritos da imaginação
Os coloridos das telas-sentimentos
Os cantos-canções dos violeiros
Palavras... pedaços de pensamentos
Pedaços do coração
Tentativas, reflexos do fundo,
Profundo humano...



COLAR DE CONCHAS DO MAR

Fiz um caminho de flores
Para meu bem passar.
Enfeitei as lamparinas
Com raios de luar.
As casas, com janelas abertas,
Deixavam cortinas esvoaçar.

No meio da neblina prateada,
Surgiu meu anjo a dançar.
Uma música melodiosa,
Numa cadência harmoniosa,
Tornou a praça encantada,
Como ninguém possa imaginar.

Enamorado, ofereci meu presente,
Um colar de conchas do mar,
Entremeadas de espuma reluzente,
Que não cessava de faiscar.

Convidei-a para passear
Pelos caminhos da vida,
Feitos apenas de idas,
Com reviravoltas sentidas,
Que davam para contornar.

E, nesse momento fugaz,
Encontrei a felicidade,
Pois aparece em qualquer idade,
É sempre o amor que nos traz.

Vamos bailar, meu bem,
Amo-te muito, também,
Receba as estrelas-beijinhos,
Tecidas só de carinhos.



DIÁLOGO INTERIOR

- Sonha?
- Coisas impossíveis: harmonia...equilíbrio...alegria.
- Trabalha?
- Com a vida, percorrendo labirintos, desviando conflitos, caindo e levantando em terrenos esburacados de chagas humanas, buscando a estrada do sol.
- Luta?
- Cada dia, cada hora, cada minuto, tentando achar o eixo, mas, quase sempre, escorregando.
- Dificuldades? Soluções?
- Muitas: lidar com contextos diversos, compreender o outro, não mudá-lo, porém aceitá-lo, resignar-se com o que é e o que tem, e, principalmente, ter paciência, não magoar-se e perdoar. As soluções são demoradas, exigem experiência e sabedoria de vida.
- Objetivos?
- Transmitir valores: espirituais, afetivos e humanos.
- Algum projeto?
- Descansar em campos de paz verdejantes, cobertos de carinho-calor da natureza...



ELOS PARALELOS

Quem corre, cansa; quem anda, alcança.
Quem olha, observa; quem distrai, não atrai.
Quem ouve, compreende; quem escuta, não entende.
Quem grita se irrita; quem fala, não atala.
Quem berra se enterra; quem conversa, atravessa.
Quem prova, aprova; quem reprova, não degusta.
Quem toca, sente; quem se afasta, ressentido.
Quem canta, encanta; quem desafina, desencanta.
Quem dança, remexe; quem pára, estremece.
Quem busca, acha; quem empaca, amortece.
Quem atíça, belisca; quem se acalma, desliza.
Quem abraça, aproxima; quem se afasta, vai por cima.
Quem quer vai; quem não opta, desbota.

Quem sonha, caminha;
Quem caminha, não se aninha;
Quem ama, harmoniza;
Quem une, entrelaça,
Laça o mundo,
Une mãos,
Cria irmãos,
Forma um toldo,
Cobrindo o todo,
Com elos,
Paralelos...



ENTREAMOR

Eu o amo
Você me ama
Amamos um ao outro
Envolvendo em nosso amor
O azul profundo do infinito
O verde furta-cor da natureza
O brilho refrescante de águas espumantes
A suavidade das brisas
Os reflexos dourados, prateados do Sol, da Lua,
das estrelas.
Os cantos sonantes das aves
Entrelaçando mãos, povos, terras.
Na harmonia da calma, da paz.
Da união de olhares sorrisos

ESPUMAS DO MAR

Borbulha,
Brilha,
Reflete,
Refresca...
Mãos acariciantes,
Percorrendo caminhos,
Levando sonhos,
Trazendo lembranças,
Enrolando a vida,
Já ida,
Já vivida...



FAZ MAL... FAZ BEM...

Joca costura os pensamentos, sentado à sombra da mangueira, embrulhando o cigarro de palha.
“Sei o que faz mal e bem para minha vida de estradas empoeiradas.

Faz mal palavras atropeladas,
pessoas carrancudas,
casa em desalinho constante,
marmitas, feitas com mágoas,
bocas emburradas,
conversas orgulhosas,
coração vazio de sentimento...

Faz bem... e posso falar de boca cheia:
assuntos com dizeres de bem-me-quer,
com sons de folhas, riachos e melodias de pássaros,
famílias de mãos unidas,
mostrando dentes-alegrias,
alimentos colhidos na mãe-natureza,
cantos de ouvir gostoso,
sonhar e deixar as lágrimas,
abençoar a vida que Deus nos dá,
olhar o limite maravilhoso
deste céu brilhante
de luz celeste...”



FLAUTA ENCANTADA

Uma flauta encantada ao longe,
Trazendo a paz,
Envolvendo o espaço...
Meu ser transbordando do desejado.
Nada de conflitos, dores, tristezas,
Apenas bem-estar.

Visualizo o azul do mar, do céu,
das manhãs de maio,
Visualizo seu olhar divino,
Repleto de bondade,
Acariciando meu ser tão frágil,
Vulnerável às tempestades cinzentas
Das borrachudas borrascas
De estradas empoeiradas da vida.

ANDARILHA DE BUSCAS

Dia cinzento, frio...
Ouço músicas suaves.
Tento esquecer, distrair os pensamentos,
As tristezas, as decepções.

Sinto meus pés cansados, doloridos.
Tantos caminhos percorridos...
Andarilha de buscas, de acertos.

Calçados de plumas, cristais, cetins, algodão,
Relembra estradas passadas,
Com pegadas indecisas, saltitantes,
Compassadas e vagarosas.

Curvada, sigo as vias
Rumo infinito.
Escorregando, rastejando,
Tento manter-me em pé
Até alcançar o almejado...

JOGO

Dia de semana...
À tarde, a partida.
Ansiosos, apressados,
Correm transeuntes,
Indiferentes a compromissos.

Trânsito engarrafado,
Transportes superlotados,
Palpites, críticas, risos,
Momentos de alegria.

Churrascos,
Salgadinhos,
Bebidas
E a tradicional pipoca
A pipocar as salas,
As varandas, os jardins,
Os quintais, os ambientes.

Bandeiras, cantos,
Ruas enfeitadas,
Fogos, rojões
Esquentam os corações,
Expressam emoções.

Como seria bom,
Se tudo fosse verdade...
Houvesse mais união
E não, só instantes fugazes
Repletos de ilusão...



LEMBRANÇAS

Volto ao passado... Revejo a casa, que tanto amei, morando por tantos anos.

Alpendre espaçoso, ornado por longas samambaias de metro.

Hall de entrada, com a biblioteca embutida, lareira e o famoso quadro, Cabeça de Caipira, do pintor poços-caldense, Bruno Felisberti.

A sala de visita e de jantar era um primor: estofados vermelho-aveludados; o piano apartamento, lembrando um órgão, a bela mesa de jantar, móvel antigo e muito bem torneado, fora os brilhantes lustres, parecendo lágrimas de cristal.

A copa aconchegante, com seu relógio capelinha e a cozinha, onde deliciosos quitutes eram preparados.

Subo as escadas, em caracol, na memória do ontem: quarto de meus pais, espaçoso, confortável; o de meu irmão, com o sofá-cama de tecido listrado e uma bela escrivaninha – quantas vezes, estudei nesse quarto!-, o de minhas irmãs, com camas coloniais e, finalmente, o meu, um dormitório de princesa: a cama antiga, esverdeada, trazendo uma delicada pintura à cabeceira; a escrivaninha, um objeto de arte e a penteadeira, com suas saias cor-de-rosa, seguindo o tom da colcha de seda.

A casa era rodeada de verde, sombreada, lembrando campos e matas. Ainda havia o quintal, garagem, embaixo de um quartinho, lugar de estudo, costuras e guardados.

No momento, revejo as pessoas, a movimentação, o cachorrinho Gigô, a alegria.

Ouço suas vozes: a de papai, tão querido, que há tantos anos partiu; a de mamãe, tão trabalhadeira e prestimosa; a das meninas, bem mais novas que eu; a de meu querido irmão e dos meus primos, que vinham à capital para estudar.

Os finais de semana eram uma animação: a missa; o delicioso almoço de domingo; as visitas dos tios e a reunião de todos.

Tudo passou tão rápido...Muitos queridos já não estão entre nós. Um ciclo da vida cheio de sonhos e esperanças. Restam as lembranças, na memória e no coração, e uma saudade dolorida do que foi e não é...

MINHA CASA

Minha casa é feita de nuvens, para as estrelas descansarem.

Dona Paz cuida de todos, trazendo tranqüilidade e união.

Dona Sabedoria é a mestra, transmitindo conhecimentos de experiência de vida.

Dona Amizade prega o amor, unindo mãos e corações.

Dona Equilíbrio é a nossa quituteira. Serve refeições variadas, entre elas: torta de alegria, bolinhos de delicadeza, sorvetes de reflexos celestes, sucos de sorrisos, frutas de arco-íris.

Ah! Ia me esquecendo: as portas e janelas são em forma de coração, sem trancas, para que todos, que quiserem, possam entrar, descansar e até morar.

Caso queiram conhecê-la, meu endereço é: “Estrada do Sol Eterno”, Bairro da “Lua Prateada”, Cidade “Pedaço do Céu”.

Na sua entrada, há uma tabuleta, com os seguintes dizeres:

“Bem-vindos, irmãos queridos, com faces serenas e coração aberto.”

MOMENTO...

Noite estrelada...Música suave, um perfume inebriante recobria o ambiente. O tapete persa, a mesa antiga, os pratos pintados na parede, tudo denotava o bom gosto.

Reclinada, num sofá florido, envolvia a almofada bordada e meu olhar, com seus cacheados e longos cabelos pretos.

Momento inesquecível...

SOPROS DE VIDA

Noite... O encontro, a cantina italiana: mesas rústicas, forradas com toalhas de tecido estampado; o castiçal, com formato de flores, traz a vela acesa, iluminando o ambiente; as cortinas curtas, rendadas,ornam as janelas ,com canteiros de violetas de cores variadas, fora,o delicioso aroma de sopa quente.

A garçonete aproxima-se,aguardando os pedidos e servindo os patês e o típico pão italiano.

Uma voz romântica entoava canções sentimentais.

Sinto o olhar carinhoso de Luigi. Minhas mãos resvalam seus dedos e canto baixinho, no coração:

“ Parla me d’amore....”

Sopros de vida....Fumaça...



O ESTRANHO ESTRANHO

Recolhido em seu canto, lá se encontra Zé das Folhas.

Mergulhado em seus papéis, recoberto de sacos de lixo, barba e cabelos esquecidos na maresia do tempo.

Sua moradia? A natureza: verdes, perfumes, melodias do vento e das aves e o céu multicolor: azul, cinza, derramando lágrimas...

Seu mundo? Sua realidade? A imaginada, a sonhada, concretizada em escritos, publicados e divulgados em algum ponto deste Universo.

Amigos? Muitos. Invisíveis aos olhos humanos.

Apenas, um estranho estranho para os passantes curiosos.

QUADRO

Um parque, luz azul do céu, dos raios solares e uma brisa suave, desmanchando os cabelos.

Ouçõ sons de aves, observo as águas de um lago, nas suas leves ondas.

Ao centro, uma pequena ilha abriga macaquinhos saltitantes, traquinas, entrando, saindo de casinhas, agarrando alimentos, pegando água, chamando companheiros. Ágeis, fazem de seu local uma minicidade.

Ao longe, circundando o parque, chácaras observam a natureza.

Vivo o momento fugaz, apreciando o quadro oferecido...

Esqueço a realidade abafante.

É um mundo secreto, sem tempo, sem a roda implacável da vida.

PALAVRA

Palavra vida
 Pá lavra vida
 Vida ida
 Palavra vi da vida...

LUZ

Luz luar
 Luzidia
 Luz e dia
 Luz azul

TECELAGEM

Tear
 Ar
 Arte

FELICIDADE

Feliz cidade
 Feliz idade
 Fé idade

ROQUE

Roque, roque
 Rói o rato

Roque, roque
 Do roqueiro

Roque, roque
 Roda a roda

Roque
 Ruídos
 Reflexos
 Retornos

POBRE TROVADOR

Castelo...noite
Candelabros, cantigas
Olhos negros, minha princesa
Pele alva, andar suave
Gestos delicados, minha alteza

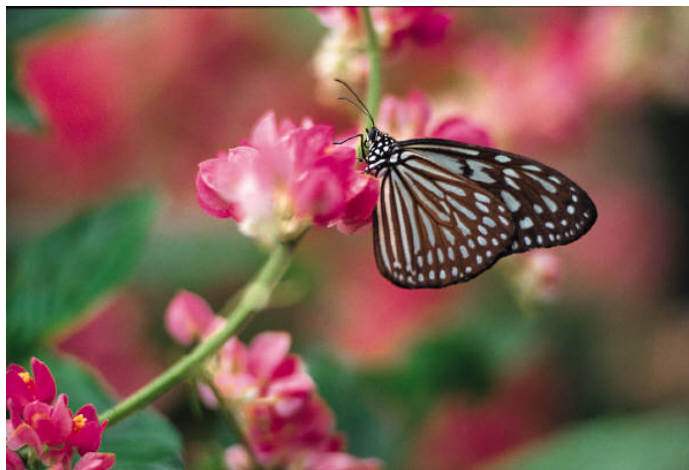
Sua beleza encantava
O encanto do canto
Da canção do cancionero

Sonhava...
Com ela embarcava
E o amor embalava
As ondas encrespadas

Só mar
Um eterno amar
Na noite de luar

Escondendo o clamor
Cheio de dor
De um pobre trovador...

Sonhava
Encantava
Princesa
Alteza



RETORNO, LEMBRANÇAS...

Pequena cidade encravada entre os verdes de altaneiras montanhas.

Lembranças, retorno: recordações da infância, mundo mágico, aves carecas, pó de pirlimpimpim, vãos no espaço do Cristo Redentor.

Mundo sem medo, conflitos...

E a cidade permanece com pequenos pontos coloridos de imaginação, de fantasias de pureza.

EU, SOZINHO...

Entro no labirinto interior: lembranças, memória, visões confusas, cores difusas num vaivém. Calmamente, tudo se assenta.

Transforma-se num cenário encantador: lago verde, chalés aconchegantes.

Uma brisa suave assopra os cabelos embranquecidos, levando pelo ar os caminhos tortuosos da história da vida.

Momentos fugazes do eu sozinho, envolvido pela quietude da mãe natureza, embalado por mãos divinas.

FAZ-DE-CONTA QUE...

A Terra está no céu,
O céu está no verde,
O verde está no olhar,
O olhar na esperança,
A esperança nos sonhos,
Os sonhos em minha estrada,
A estrada de uma vida,
Uma vida idealizada...

RUAS MAL-ILUMINADAS

Noite...neblina
Caminho em ruas escuras
Mal-iluminadas
Com trajetos confusos, difusos
Vislumbro sombras, funis
Túneis indecifráveis
Saudades, lembranças
Vozes, lugares que apontam ligeiramente
Escondendo, desaparecendo...
Quase em seguida
Tento fixar
Uma linda sede de fazenda,
Rodeada por espaçoso alpendre
Sombreada por frondosas árvores
Frutíferas? Ou cobertas de flores?
Deitado, numa relaxante rede,
Encontra-se alguém querido
Coberto com jornais relidos
Ah! A entrada!
Um caminho florido
Com bicos-de-papagaio coloridos...

Enquanto a paisagem encantava
De dentro da casa exalava
Cheiros de doces caseiros:
Cidra, goiabada, bananada
Além do doce de leite
Pra criançada um deleite!

E a alegria reinava
Com cantos de antigas toadas
Daquela roça querida
Jamais, jamais esquecida...

As vozes não estão perdidas
 Nessas ruas da lembrança
 Que trazem ainda esperança
 Nos elos não partidos.

Labirinto da memória,
 Galhos entrelaçados de história
 De momentos de outrora
 Longe deste agora
 Repleto de muita dor
 Vazio de todo amor...

SERPENTEANDO

Eu sou:

A dança do ventre e do vento
 O gingado da mulata
 Os movimentos do “tai-chi-chuan”
 As ondas do mar
 As encostas da montanha
 A curva do arco-íris
 O redemoinho das planícies
 A inclinação dos galhos
 Os adeuses das folhas
 A corcunda da velhice
 O desenho do infinito
 O galgar dos cavalos
 As areias sinuosas do deserto
 As coroas dos faraós
 O símbolo da cura
 A chama que ascende ao céu
 Tornando a vida a ida
 Para o Universo em verso
 Rodopiando ao léu
 Em torno de astros, estrelas
 Prazer, sem fim, por vê-las...

SANTUÁRIO ESQUECIDO

Verão...Noite quente, abafadiça, ar parado.

Viro e reviro em minha cama, perdido em pensamentos, labirintos de conflitos.

Transpiro, desconforto...

De repente, a cortina rendada esvoaça. Uma brisa suave, exalando aromas inebriantes, penetra em meu quarto.

Vuuuch!

Ora! É um tapete voador!!!

Como?!? Acho que enlouqueci...

Mas que tear divino: cores entrelaçadas em desenhos jamais vistos.

Estaria perdido? Fugira?

Ouçõ uma voz suave: “Sou seus sonhos, trouxe-lhe coisas preciosas. Venha! Vamos dar uma volta nas estrelas, nas matas, nas cachoeiras cristalinas. Vamos rodopiar pelo Universo. Dançar a valsa da tranquilidade e conhecer tudo que há de melhor. Esqueça o calor dos obstáculos, da rotina, do insolúvel. Não sou miragem nem estou perdido. Sou seu interior esquecido. Só existo porque você existe.”

Abro os olhos...Desperto e deixo-me envolver neste tapete, santuário resguardado...



SONHE, MINHA MENINA!

Vestidos com ramilhos de junquinhos,
Chuva de violetas,
Estrelinhas de jasmim,
Com fazendas pensativas,
Melancólicas, roxas,
Cor de poente de aflição.

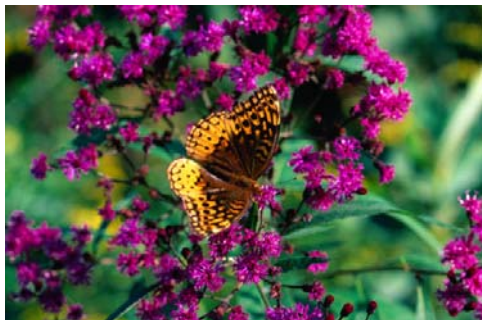
Josefina, minha menina,
Pra que tanta tristeza
Com toda sua beleza?

De roda vamos brincar
E a alegria buscar.
O mundo é cheio de cor,
Que espanta qualquer dor...

De roupa vamos trocar
E toda você bordar
Com melodias do alvorecer,
Com aromas do anoitecer...

Sonhos, sonhos vão brotar,
Vindos do céu, mar e ar.
Seus olhos vão brilhar
E tudo vai melhorar.

“Se esta rua, se esta rua
Fosse minha,
Eu mandava, eu mandava ladrilhar,
Com pedrinhas, com pedrinhas coloridas,
Pra você, pra você poder sonhar.”



TIJOLO

Terra
 Ilha
 Jangada
 Ondas
 Lua
 Olhos

TERROLHOS

Terra vermelha
 Ilha dos sonhos
 Jangada jogada
 Nas ondas espumantes
 Reflexos do luar-lua
 Olhos cantantes de dor do amor

A CHUVA DA BELA

A chuva caiu no palhaço
 E fez um estardalhaço

A chuva caiu no dedinho
 E furou o meu minguinho

A chuva caiu no pé
 E ficou cheirando chulé

Vá embora chuva verde-amarela
 Deixe, deixe a Ana Bela
 Espalhar seus brinquedinhos
 Que são tão queridinhos

Vou chamar vovó Carminha
 Pra limpar os seus pinguinhos
 Que sujaram minha caminha

Eta chuva levada
 Bem merece uma palmada!

UM PERTENCE ETERNO

Cecília era relações pública da telefônica. Trabalho burocrático: instalação, troca de número, compras, vendas e consertos de aparelhos.

Mas, com seu sangue mineiro, era vidrada por coisas antigas, próprio de famílias tradicionais e conservadoras.

Desde criança escutara: “Isto é de seu bisavô, aquilo é de meu finado marido, este é o retrato de toda a família de sua avó, e assim por diante.”

Casando-se, não houve dúvida, recebeu uma boa oferta para retirar-se da empresa.

Decidiu-se, então, abraçar de corpo e alma o que sempre apreciou. Buscou conviver com antiquaristas e até conseguiu montar uma barraca no MASP, comprando e ofertando canetas antigas e folhinhas do começo do século.

No final de um domingo, após ficar plantada o dia inteiro, em sua barraca, distribuindo sorrisos para conquistar um cliente, pelo menos, uma vez que as ofertas de compras eram maiores do que as de vendas, apareceu um amigo do ramo, pedindo-lhe para avaliar as peças de um senhor da alta sociedade.

Aceitou de imediato, pois, quem sabe, seria ele um cliente em potencial.

Chegando à residência, uma majestosa casa, localizada nos jardins, foi, cordialmente, recebida por um senhor franzino: olhos miúdos e sagazes; cabelos grisalhos, ralos; trajado, sobriamente, calça cinza e colete, onde guardava um relógio, preso a uma corrente dourada.

Indicou-lhe, delicadamente, a saleta onde se achavam as peças: pratos ingleses; vasos de opalina furta-cor; jarros; talheres de prata lei; além de lindos copos de cristais de várias cores, trazendo, em suas incrustações, motivos florais.

Cecília tentava avaliar as peças, cuidadosamente, colocadas sobre uma mesa, recoberta com uma toalha adamascada, cujo tom sobressaía a formosura daqueles objetos. Girava-os entre os dedos, hipnotizada pelo trabalho artesanal.

De repente, deparou-se com um enfeite “sui generis”: uma jovem; cabelos presos em coque; olhar suave; feitiço esguio; vestido longo, com um ligeiro decote, mangas bufantes...Nunca vira um objeto tão delicado. Parecia ter vida! Pegou-lhe, extasiada...

Sob olhar assustado daquele senhor, pôs-se a questioná-lo sobre sua origem, não, para fechar o preço, mas, talvez, para adquiri-lo.

E, para sua surpresa, descobriu que, sem querer, estava entre as outras peças, apenas por descuido, pela resposta dada: “Esta, jamais, estaria à venda. É um pertence eterno!”

Prometendo voltar, na próxima semana, com o trabalho concluído, saiu, apressadamente. Necessitava respirar. Aquele lugar não lhe fizera bem, apesar de toda gentileza do dono.

Chegando ao Antiquário, a fim de entregar ao amigo a relação das peças e esboço das avaliações, lembrou-se do enfeite, da jovem, do olhar...

“Ora! Que semelhança com o retrato de vovó, quando moça!”

Sim, era ela...



VERDES, FLORES E CÉU

Tarde de verão...Mormaço, sol escaldante, nenhum vestígio de brisa suave.

Pensamentos povoam a mente: marido, filhos, família. Como ajudá-los? Como dar-lhes um rumo pelos caminhos tortuosos da vida? Qual seria a sugestão acertada? Será que não desconfio que só eles poderão descobrir o que é melhor para cada um? Afinal, não sou dona de seus destinos.

O melhor é vestir-me, pegar a velha bolsa e dar uma volta por aí para espairecer.

Sabe de uma coisa? Hoje, é domingo, vou até a Liberdade distrair-me com sua adorável “feirinha”.

Tomo o ônibus rumo ao Centro. Da janelinha, observo os transeuntes: casais enamorados; pais, passeando com filhos e cachorro de estimação; carrocinhas de papel; homens engravatados, executivos, talvez; mocinhas bem-vestidas, cabelos longos esvoaçantes, e senhoras, com pesados saquinhos de supermercado.

De repente, deparo-me com um enorme outdoor: a charmosa garota propaganda, com um sumário biquíni, deliciando-se com um refrescante refrigerante. Acima, desse cenário, uma imagem visual, imitando onda, trazia os dizeres:

“O coqueiro, a praia e você...”

Estabelece-se a ambigüidade: “Você? Quem? O quê?” Um amor, ou um refrigerante? Lógico, numa propaganda, só pode ser mesmo a bebida!

Sigo meu trajeto, pensando: “Ao invés de praia, queria paz; no lugar do coqueiro, muito verde-esperança, muitas flores-bonanças, muito céu azul-harmonia ao léu...”.

Chego ao destino, voltando à realidade.

Nas ruas, com enfeites japoneses, observo os artesanatos: toalhas bordadas; cerâmicas desenhadas; marca-livros de origami; incensos inebriantes, além, das concorridas barracas de alimentação.

O tempo passa, distraindo-me no vaivém das pessoas, das imagens...

E, assim, curvada pela vida, com minha velha bolsa, retorno à rotina caseira.

“Paz, esperança, bonança e harmonia...”

VIDA

Vida
 Ida
 Lida
 Tida
 Sentida
 Partida
 Só ida
 Sofrida

BICO?!?

E vamos no bico:
 Bico da faca
 Chapéu de três bicos
 Sapato de bico
 Obra-de-bico
 Bico de diamante
 Bico de gás
 Bico de mocho
 Bico de proa
 Abrir o bico
 Não ser pra bico
 Bico de chaleira
 Bico-de-agulha
 Fazer um bico
 Bico-de-brasa
 Bico-de-coruja
 Bico-de-corvo
 Bico-de-cravo
 Bico-de-ferro
 Bico-de-fogo
 Bico-de-gavião
 Bico-de-papagaio
 Bico-de-viúva
 Bico-doce
 Grão-de-bico
 Bico-encarnado,
 Bicuda!
 E uma bicota
 No bico de seu nariz!!
 E chega de bicos...

A CASA DA ESQUINA

Chove...Chove, torrencialmente, em São Paulo.
Começo de ano, mês das águas, das águas de verão.

Desço do ônibus, tento proteger-me na cobertura da parada, enquanto espero diminuir a tempestade.

Consulta marcada no médico. Estou em cima da hora. O que fazer? Paciência, não vou me arriscar...

Ali, quietinha aguardo, resguardada.

Para espantar a impaciência, tento observar os transeuntes apressados, com seus guarda-chuvas respingados.

De repente, numa esquina, vislumbro uma mansão, rodeada por um belo jardim, florido por rosas multicores.

À entrada, um espaçoso alpendre, protegido por colunas esculpidas.

A porta de entrada, antiga, de madeira torneada, mostra o gosto refinado de uma época.

Quem a teria habitado? Mulheres, ricamente vestidas, passam-me pela cabeça. Seus vestidos longos, seus cabelos cacheados, trazem o começo do século.

Ouçó o som de um piano e vozes entoando modinhas antigas...

Outros tempos, outros costumes.

Um esbarrão retorna-me à realidade.

Apenas chuviscos molham as calçadas, apagando a visão.

Saio do abrigo e da imaginação.

A chuva passa e leva as résteas do outrora...



ADIVINHE!

Cadê o doce?
O gato comeu.
Cadê o céu?
Foi para o beleléu.
Cadê a mata?
A foice cortou.
Cadê as flores?
A mão arrancou.
Cadê os bichos?
O homem caçou.
Cadê os rios?
O sol secou.
Cadê as praias?
O lixo arrasou.
Cadê as pessoas?
O medo escondeu.
Cadê a paz?
A guerra acabou.
Cadê a esperança?
A tristeza engoliu.
Cadê a amizade?
A solidão cortou.
Cadê a união?
O egoísmo destruiu.
Cadê o amor?
O desafeto tomou.
Cadê a felicidade?
Existe, se olharmos
Bem alto, lá no além,
Bem fundo, no profundo.
Lá dentro do coração:
Brilha uma suave luz
Que a um caminho conduz,
Onde não há dor,
Onde só se encontra calor...

BAÚ

Um vestido de noiva,
Flores campestres bordadas,
Amarelecidas no tempo,
Ilusões desbotadas,
O que deveria ter sido, não foi, não é...

Lar decorado de sonhos,
Cantigas embalando crianças,
Mesa repleta de sorrisos,
Traçando futuros...

Arrasto as chinelas surradas,
Caminho na velha casa,
Empoeirada pelas lágrimas,
Embranquecida pela realidade...

Desmancho os novelos do passado,
Apago as estradas imaginadas,
Percorro a sinuosidade de pedregulhos,
Sem rumo certo,
Entre os labirintos de matas cerradas,
Aguardando a chegada...

Vestido bordado
De flores campestres,
Vestido de noiva,
Resíduos de desamores...



BOM DE BOLA

Peleje, jogador,
Sou seu torcedor.
Olhe a bola!
Corre,
Requebra,
Escorrega,
Levanta,
Esperneia,
Grita,
Cabeceia,
Suspira,
Relaxa,
Acerta o gol,
Levanta os braços,
Abraça,
Transpira
E continua na mira
De gente que o admira...

LÁGRIMAS DA SAUDADE

Noite fria...Chuva intermitente. Protegido por meu casaco de lã mineira e o chapéu costumeiro, caminhava pelas longas avenidas.

Esquecera não só de fazer a barba, como das horas.

Sem rumo, perdido nas lembranças, entrei numa das galerias de um museu.

De repente, deparei-me com um quadro, chamando-me a atenção: flores lilases belíssimas com pétalas orvalhadas.

Era ela...Respingada de lágrimas da saudade.

CALMA...BOM-SENSO

Cenário: sala simplesmente mobiliada, dando para uma cozinha.

Personagens: mãe, mais ou menos, 38 anos, roupas de casa.

filhos: Zeca - 12 anos

Joãozinho - 4 anos

(Zeca, de sua escrivaninha, observa o irmão menor, Joãozinho, no meio de seus brinquedos, fazendo a maior bagunça e barulho. Sua mãe, sempre atarefada e correndo, prepara o almoço.)

Mãe *(lavando os alimentos)* – Joãozinho, grite mais baixo, estou com uma tremenda enxaqueca.

(o pequeno, não satisfeito, começa a bater o tambor com o tênis)

Moleque, pare com isso, não agüento mais, que menino impossível! Não tem parada, não dá sossego! Ai, que vida!!

(o garoto, por birra, continua...)

Vou acabar te dando umas chineladas!

(Joãozinho, por teimosia, faz: “Zuum....zuuum...”., bem perto da mãe)

(Zeca se levanta e chega próximo da mãe, falando calmamente)

Zeca - Mãe! Você já viu essas mães, que mais parecem madrastas, gritando com seus baixinhos, na rua, nos supermercados, shoppings? Parecem doidas! Ficam descabeladas, correm, gritam, dão o maior vexame, não é?

Quer ver uma coisa?

(aproxima-se do irmãozinho)

Juju, meu baixinho, vamos fazer um desenho bem bonito com o mano? Veja! Quantos lápis de cores, canetinhas, eu tenho! Vou te ensinar fazer “um carrão”, “um avião” e até um trenzinho.

(Joãozinho larga os brinquedos e, sentando-se no colo do irmão, começa seus rabiscos...)

(Zeca, dando uma piscada para a mãe)

- Nada como ter calma e trocar uma brincadeira por outra, além de uma dose de carinho, né mãe? Bem, agora vem meu preço: um pedaço do bolo, que está assando, e uns trocados, para sair com meu grupo...E aqui vai um cafuné pra você...*(manda um beijo para a mãe).*

DELÍCIAS DA ALMA

Hoje é dia de não fazer nada...
Apenas, deitar numa relva verde,
Olhar para o alto e contemplar
O céu azul e os contornos das nuvens,
Fechar os olhos e visualizar desejos-imagens.
Passar o tempo, contemplativo,
Andar sem rumo, sem eira, nem beira...
Pode tirar o cavalo da chuva,
Só hoje, apenas hoje,
Não estarei com a mão na massa,
Lidando e correndo atrás do tempo
E das tarefas diárias.
Não nasci em berço de ouro,
Mas, dentro de mim, existe o sonho,
O lugar ideal, sem conflitos, sem preocupações.
Fecho os olhos, por poucos instantes,
Pinto lugares, ouço músicas,
Converso com pessoas queridas.
Vejo-me despreocupada,
Admirando as belezas naturais:
Um pássaro, o som de uma cachoeira,
O aroma de uma flor, o pôr-do-sol...
Relaxando o corpo e a alma,
Meditando sem culpa,
Sobre os reais valores na vida.
Alguns instantes apenas,
Para tudo mudar,
Inclusive os contornos
E as cores das nuvens acinzentadas da vida...



ENCANTO FEMININO

Acorde, mulher!
Cadê meu café?
Cadê o cafuné?
O almoço pro moço?
O lanche de emenda,
Além da merenda?

Marido, filhos a chamar!
Não adianta resmungar...

Professora é a profissão.
Pouco ganha, um tostão...
Nas compras, é a “dona” da esquina,
Da casa, onde ilumina.
Pois reflete o amor,
Esquecendo qualquer dor.
Além, de sua amizade,
Espalha felicidade
A todos, que tanto quer...



ESPERA-ENCONTRO

A vida é um eterno esperar
De sonhos que quero alcançar.
Percorro caminhos esquecidos,
Em busca de encontros floridos.

Esperei, esperei,
Meus sonhos garimpei.
Muitos sonhos pedi,
Nenhum deles jamais recebi.

E, na agonia das horas,
Tudo pode mudar...
Silêncio, estou a sonhar.
Espero-te, até me cansar.

A vida nos faz esperar.
Presenteia-nos quando desejar.
Prepara-nos para tudo encontrar,
Aquilo que mais desejar...

Coração a pular,
Angústia de esperar.
Enfim, encontrar,
Encantar...



ESTRADA

Caminha, caminheiro,
Caminha, companheiro.
A estrada é sua...
Empoeirada,
Enfeitada,
Enublada,
Iluminada...

Caminha, caminheiro,
Viajante errante,
Que traz, no semblante,
Vestígios terrenos,
Reflexos serenos...

Caminha, caminheiro,
Afastando pedras,
Percorrendo desertos,
Buscando oásis...

Caminha, caminheiro,
Cortando o frio,
Atravessando tempestades,
Aconchegando-se em abrigos braços...

Caminha, caminheiro,
Não dobre esquinas,
A estrada é longa e reta...

Caminha, caminheiro,
Não esmoreça, não caia.
Alguém o espera,
Nos campos verdejantes
Do sol brilhante...

FÉ ESPERANÇA

Olhe o verde das matas
Com cantos melódiosos
Flores multicores
Cachoeiras espumantes
Aromas aragens espalhadas
Pelas brisas refrescantes

Olhe o anil do céu
Espelhado em mares, rios ao léu
A estrelas embalar
A jangadas a levar
Nas águas a dançar

Olhe o sorriso da gente
De um povo persistente
Que semeia, planta e colhe
Na labuta intransigente

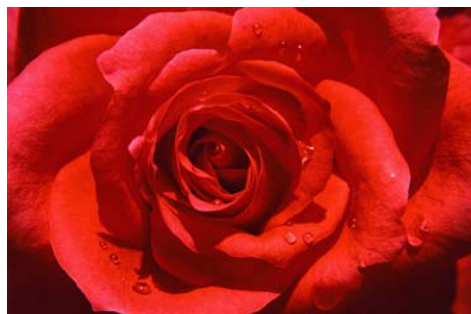
Olhe o porvir estampado
Nos olhares das crianças
De uma terra abençoada

Deixe pra lá a tristeza
E caminhe com firmeza
Pois quem espera
Sempre alcança
Basta ter fé e esperança



FLOR DE SEDA VERMELHA

Época de arrumar armários.
Além da poeira, traças e cupins, desocupar
espaços, separando roupas velhas, não usadas e
objetos sem valia.
Uma semana será pouca para o árduo trabalho.
Mas coragem, vamos lá!
Primeiro as louças, depois os roupeiros e,
finalmente, as estantes apinhadas de livros.
Ah! Esqueci-me! Rasgar papéis e mais papéis...Por
que guardar tantas coisas?
Eis que chego no meu armário. Quantas
lembranças!
Pego uma caixa de camisa, esquecida na parte de
cima do armário embutido.
Abro-a, que surpresa! Golas de crochê,
delicadamente tecidas, um velho cinto de lã mineira,
meias de seda e uma flor de seda vermelha, embalada
com um papel amarelecido pelo tempo.
Volto ao passado...Jovem, lindamente vestida num
tubinho, olhos brilhantes de alegria e longos cabelos
pretos, ajeitados num coque, e enfeitados com
florzinhas do campo.
Meu noivado...Sonhos, esperanças e uma felicidade
sem fim.
Quantos projetos! Um amor, uma família reunida,
um lar, repleto de plantas e salpicado de ternura.
Os anos passaram, escoaram...
Entre as mãos, a flor envelhecida; no coração,
saudades do que não foi; no olhar, lágrimas salgadas,
amargas; nos fios embranquecidos dos cabelos,
marcas de tristeza, de cansaço; nas lembranças,
sonhos inatingidos, poeira do que não foi.



LANTERNA DE ROSAS

Lanterna de rosas de esperança
Que me traz tanta lembrança
De momentos de felicidade
Em praças repletas de amizade...

Praça, canteiros, flores
Só fazem me lembrar de você.

São pequenas luzes coloridas,
Iluminando caminho de criaturas.

São rosas, que não se apagam,
Não morrem jamais.

Lanterna de rosas
Perfumadas, singelas, doces...

Luzes coloridas, vivas,
Portadoras de carícia, beleza e paz.

Lanterna...
Que não se apaga jamais.



MAL-HUMORADO? NUNCA MAIS...

Lá vem, Seu Tuninho, Mão Santa,
Com o burrinho Bonanza.
Falando de curas, com tanta esperança.
Ouçam, ouçam, minha gente,
Pra que tanto rancor?
Você está ficando sem cor!
Amarelo, amarelo desbotado,
Todo, todo esculhambado,
Até parece queijo ralado,
Mal consegue olhar de lado.

Vamos, vamos levantar!
Deixe, deixe de rosnar!
Aparenta até espantalho,
Ardido como um alho...

Os amigos vão se afastando,
Ninguém mais se aproximando,
E você se isolando,
Até perdendo o encanto.

Quer o humor recuperar?
E novamente amar?
Temos algo pra sanar,
Um remedinho pra lhe curar.

São pastilhas coloridas,
Feitas em terra distante,
Por mãos muito queridas,
Pra tratá-lo num instante.

É novo o medicamento,
Acompanhado do tratamento.

Quer saber como é feito?
Não apresenta defeito:
Um punhadinho de amor,
Com alegria em sabor,
Sorriso de sementinhas,
Com pitadas de carinhos,
Há raios de sol dourado,
Trazidos por ser amado,
Que mora no coração,
Do povo desta nação.

A bula está na embalagem,
Não pense que é bobagem.
A posologia não traz filosofia,
À vontade, pode tomar,
Para o humor recuperar.

Apenas, uma contra-indicação:
Pra todos que não acreditam
Que ainda há esperança,
Em qualquer direção.

Basta pra isto, irmão,
Enlaçar a sua mão,
Com o próximo ao seu lado,
Ofertando este confeito,
Pra que fique satisfeito...



MÃOS

Louvo:

As mãos das mães, pelo calor do amor divino,

Agradeço:

Mãos dos missionários da ciência pelas curas,

Mãos dos mestres pela luz da sabedoria,

Mãos dos samaritanos anônimos, que ajudam os
caídos na estrada,

Mãos de ternura, que espalham compaixão,

Mãos do lavrador, que capinando, ajudam a
coletividade,

Mãos dos imortais, que tiram do teclado músicas
divinas,

Mãos invisíveis da caridade,

Mãos unidas, que sustentam a fraternidade...

Ensina-nos, ó Mestre, a usar as mãos como Tu, ainda
que tenhamos de nascer e renascer quantas vezes
necessárias, até que tenhamos aos Teus olhos a
pureza do coração.

Senhor, lembra-Te de mim, na luz da Tua
misericórdia, para que eu leve, em minhas mãos,
sorrisos de paz do divino amor...

AGRADEÇO, SENHOR!

O tesouro da vida:

O Sol que aquece e ilumina,

A Dor que se sublima,

A Força que se renova,

A Ternura de amigos,

As Flores de Paz,

A mensagem dos caminhos: os cantos melódiosos,

As belezas da natureza,

Vencer as mazelas do passado...

Obrigada, Senhor, por poder sonhar, ouvir e cantar...

Obrigada, Senhor...

MOMENTO DE FELICIDADE

A cortina rendada esvoaçava na janela, entreabrindo-se, levemente, para as luzes faiscantes da grande cidade.

Noite quente exalava clima de aventura...

Juliana apressou-se. As horas passavam ligeiramente e, ainda, não se vestira.

Cansada, após, um estafante dia de trabalho, no banco, necessitava de um banho quente, relaxante, para esquecer da rotina.

Logo, estaria com Marcos, oásis de sua vida.

Olhou-se no espelho: o justinho lhe caíra bem. Penteou os longos cabelos pretos, maquiou-se, caprichando o contorno de seus olhos amendoados, perfumou-se e, dentre os vários sapatos, escolheu o de bico fino, o mais elegante, apesar do desconforto.

A campainha soou...Era ele. Um terno abraço a envolveu.

- Vamos?

Uma cantina aconchegante os esperava: flores campestres enfeitavam as mesas, forradas por toalhas xadrezas e um delicioso aroma de “pizza”, regada à azeite, flutuava pelo ar.

Músicas italianas convidavam para dançar.

Abraçados, rodopiavam. Esquecida dos sapatos apertados, desfrutava este momento de flores, azeite e sonhos...



NA POEIRA DA VIDA

Cenário: estrada de uma fazenda

Personagens: Menino - 10 anos, franzino, roupas humildes
Vigário - 40 anos - gordo - autoritário – bem-vestido

Vigário - Caboclinho, aonde vai esta estrada?

Menino (*com olhar triste, parado num ponto do horizonte*) - Sei não, nós é que vamos nela...

Vigário - (*ofendido*) - Mal-educado, hein! Sabia que sou o vigário desta região? Devia ter respeito, retirante de uma figa.

Menino - É viga donde? Do rio?

Vigário (*vermelho de raiva*)- Além de respondão, faz-se de mal-entendido. Mereço, ó Deus, por viver com esta pobreza. Bem, como se chama?

Menino (*riscando o chão com um pauzinho*) - Chamo não, Sr. Viga! Os outros é que me chamam, quando precisam de mim.

Vigário (*furioso*) - Além de tudo é irônico! Onde se viu? Só neste fim de mundo posso encontrar um danadinho assim. Hoje mesmo, vou pedir ao Sr. Bispo que me mande para um lugar mais civilizado.

Menino (*com olhar triste*) - Homem, tem um pedaço de pão pra dá?

Vigário (*gesticulando*) - Que pão, que nada...Morra de fome pelas suas respostas. Desaforento!

(*Vigário segue pela estrada, batendo o pé . O menino continua sentado na estrada empoeirada da vida.*)



O SABIÁ ENAMORADO

Meditava, relaxada na rede do espaçoso alpendre da fazenda. Olhava o pôr-do-sol, colorindo a humilde colônia...

Será que o prazer de tecer uma grinalda de margaridas valeria o seu esforço de levantar-se e colher as flores?

Quando, de súbito, deparou-se com um bando de crianças, que cantando, voltavam da escola rural.

“Aproximem-se! Sou a princesa do campo e tenho uma surpresa para vocês! Tragam-me as flores do caminho e, juntas, iremos bordar a grinalda da Lua, para o seu casamento com o Sabiá Enamorado!”

PÉTALAS DE VIDAS

Meditava...

Tecer uma grinalda de margaridas?

Levantar-me e colher as flores?

Asas brancas, esvoaçando pelo ar,

Perfumadas, borboleteando,

Cobrindo caminhos,

Pintando tapetes,

Tecidos pelas mãos de brisas,

Com fios alvos e dourados,

Matizados de reflexos azul-celeste...

Súbito, um sutil pensamento:

Mar de margaridas,

De coisas idas,

Pétalas de vidas,

Bordadas nas estradas,

De pedras amargas

Do que não foi...

PÉTALAS ROSAS

A moça procurava a lua no lago,
O lago refletia a moça pra lua,
A moça e a lua dançavam no lago.

O lago era a imagem da moça e da lua.
A lua tecia um lago pra moça,
A moça florescia no lago.

Do lago, nasceu a rosa moça,
A moça rosa crescia pra lua,
A lua apanhou a rosa do lago.

A rosa do lago chegou na lua,
A lua semeou as terras de prata
Com pétalas de rosa lago.

A moça rosa logo brotou
No coração da lua.
Lua, moça, lago.
Cobriram o céu de estrelas
Com perfumes pétalas rosas...

O PÔR-DO-SOL

Final de tarde de domingo... Uma velha senhora, de olhos tristes, com um vestido surrado, observava as partituras manuscritas, conservadas num quadro emoldurado.

Tentou afugentar as lembranças, ajeitando as flores do vaso cristalino e os castiçais prateados, colocados sobre o piano.

Uma brisa suave fazia dançar as cortinas rendadas, vislumbrando o pôr-do-sol do dia e da vida...

ROSINHA DO NORDESTE

Sou Rosinha do Nordeste,
Filha de fazendeiro
Respeitado, temido, invejado.
Em todas cidades, vilas e vilarejos,
Daqui, de lá, de acolá...

Filha única, mimada e amada,
Fui finamente educada,
Em colégios renomados.

Dizem que sou bonita,
Corpo bem torneado,
Cabelos longos, negros, cacheados,
Olhos verdes amendoados.

Retorno ao vilarejo,
Onde nasci e brinquei,
Que há tempos não revejo,
Mas quanta pobreza vejo,
Nas terras que tanto amei...

De repente, tudo mudou,
No pensamento e sentimento.
Foi naquela quermesse,
Que cruzei com o simples Chicó,
Bom, como ele só!
Nordestino, pele amorenada,
Mas trazia, na fala, palavras adocicadas.

Apesar da resistência paterna,
Fiquei apaixonada,
Quero ser sua companheira,
Sua eterna bem-amada.

Deixo de lado a riqueza,
Lutarei contra a pobreza,
Ao lado desse rapaz,
Que tanta alegria me traz...

Sou Rosinha do Nordeste,
Graças dou a quem me deu
Este amor, sem dor,
Repleto de calor...

SE FOSSE UM CAVALEIRO MEDIEVAL...

Vivo no séc. XXI...
Computadores, celulares, eletrônicos,
Uma tecnologia acelerada,
Mais rápida que o pensamento.
O homem, na sua pequenez,
Não a acompanha.
Isola-se,
Solitário, perde-se.
Onde está a união?
Onde está a solidariedade?
A paciência, a calma, a paz?
Não há tempo para ouvir e conversar,
Não há tempo para um sorriso, um abraço.
Não se expressa sentimento.

Ah! Se fosse um cavaleiro medieval,
A buscar o Santo Graal...
Cavalgando em meu corcel,
Deixaria esvoaçar um alvo lenço,
Branco de paz, de amor, de harmonia.
Por onde passasse, levaria o azul do céu,
O verde-esperança das matas,
Os sons da natureza,
O marulhar das espumas do mar...
E, no cálice sagrado, transportaria
Os esquecidos do ser-humano:
Um pouco do "Infinito", os sonhos,
O compartilhar e cooperar com o outro,
Os sentimentos abafados: amizade, apoio, carinho,
Entre outros mil, brotando devagarzinho...

Ah! Se fosse um cavaleiro andante,
Caminhando, nas poeiras da vida,
Em meu corcel...

SOMENTE HOJE

Hoje, somente hoje:

Vou levar a vida,
O feio amar
E bonito imaginar...

Vou aprender a cantar
E meus males espantar...

De azul vou me trajar
E pelas estrelas caminhar...

Vou deixar de me apressar
Para tudo apreciar...

O não-me-quer vou largar
E coisas boas colecionar...

Se, em casa, eu ficar
Quitutes do céu vou cozinhar
E a casa perfumar
Com aromas do sonhar
Do amar
Do dividir
Num eterno compartilhar...



VAGA VALSA

Vaga vagueia,
 Valsa vagarosa.
 Vaivém na vazante,
 Vela veleidades.
 Veludo venturoso,
 Vênus venerada,
 Vê veranista,
 Verão, verdades...
 Verdeja, verga,
 Verseja versículos.
 Verte vertiginosa,
 Veste o vespertino.
 Viaja, viandante!
 Vibra a vida,
 Vigia vigorosa...
 Violeiro, viola,
 Vozes vogam vontades,
 Volteiam vultos vulneráveis...
 Vaga
 Vagueia
 Vento vida...

RAGU REFINADO

- Um risoto, rápido!
- Arroz com ricota e raízes?
- Correto, Rialto!
- Um refresco refrigerado!
- Refrigerante do Rio Remando?
- Certo.
- Torradas de entrada!
- Com patês rosados.
- Sobremesa?
- Receitas de Rita Rosa.
- Haverá danças ritmadas?
- Rumba, forrós e rodopios...
- E as rodas dos amigos?
- Hoje, não, há reunião no Rotary.
- Algo mais, Ribaldo?
- Sim, o acerto!
- Cinco Reais e uns fiados pra relaxar.
- Rápido, rasteiro, refeição pro roceiro! Rica e refinada...

VIAGEM

Caminho...Observo as ruas, as pessoas, o céu, a natureza.

Entro, ao léu, numa galeria: vozes, tilintar de xícaras, sons de CDs...Paro diante de uma vitrine: artesanatos vindos do Norte e Nordeste. Que lindos! Mãos habilidosas e criativas os fizeram.

Num canto escondido, um galho de quaresmeira, flores roxas o bordavam.

No mesmo instante, transporto-me à infância: subindo a frondosa árvore, lá estava eu. Enfeitava meus despenteados cabelos pretos com suas flores, que escorregavam em seus fios. Era a princesa da floresta e aguardava meu príncipe encantado para cavalgar em seu belo corcel, Raio de Sol, pelas estradas estreladas do céu.

De repente, um som estridente retornou-me à galeria, à realidade.

Continuo a caminhar, outra vitrine: jóias feitas à mão. Delicadamente, dentro de uma caixinha aveludada, estava um colar de pedras coloridas: esverdeadas, azuis, lilases, amarelinhas, rosas... Transparentes, reluzentes, miudinhas.

Sonhando acordada, vi-me num salão de festa, embalado por músicas românticas. Dançava com um jovem garboso.

Parando a orquestra, sentamos numa mesinha e, sorrindo, ofereceu-me uma caixinha. Ao abri-la, que surpresa! Um colar de contas coloridas.

Quinze anos, sonhos, projetos...

Continuo, vagorosamente, arrastar os passos. Saio da galeria. Lágrimas escorrem. Presente: tristezas, decepções.

Gostaria tanto de viajar! Para onde? Talvez, um lugar onde houvesse harmonia, tranquilidade.

Como disse o poeta, Manuel Bandeira:

“Vou-me embora pra Pasárgada

Lá sou amigo do rei

Aqui eu não sou feliz

Lá a existência é uma aventura

E como farei ginástica

Andarei de bicicleta

Montarei num burro brabo
 Subirei no pau de sebo
 Tomarei banhos de mar!
 E quando estiver cansado
 Deito na beira do rio
 Mando chamar a mãe-d'água
 Pra me contar as histórias
 Que no tempo de eu menino
 Rosa vinha me contar
 E quando estiver mais triste
 De não ter jeito
 Vou-me embora pra Pasárgada.”

ZÉ DA ESQUINA

Abro a janela do dia, suas folhas rangem,
visualizando a pracinha diante do hotel.

Carrinhos enfeitados procuram atrair as
crianças do mundo do faz-de-conta.

De repente, surge Zé da Esquina,
acompanhado de Pernafina, seu vira-lata
inseparável.

Trançando as pernas tortas de seu franzino
físico, pregoa:

“Um carro para guardar,
 Flanelinha para brilhar,
 Centavos para enganar
 E toda fome passar...”

E lá vai Zé da Esquina,
 Tentando a vida seguir,
 Blefando a sina marcada,
 Com máscara enfeitada...



BIBELA

Bela, Bibela
 Boca,
 Bicos,
 Birra...
 Baila, balança,
 Boneca,
 Bola,
 Bolinhos,
 Bolacha,
 Bebe,
 Baba,
 Balbucia,
 Babel,
 Baboseira...
 No berço, babá embala,
 Embola, boceja,
 Bonequinha brejeira,
 Bentinha, beleza...

SONHO

Sonho de doces, gosto de festa;
 Sonho de amores, encontro de pares;
 Sonho de olhares, pedaços de estrelas;
 Sonho de valsa, magia dos sons...

O RETORNO

Férias, reunião da família, projetos, viagem, tentativa
 de resgatar algo perdido, não concretizado, na estrada
 empoeirada da vida, do destino, talvez, imutável.
 Filhos crescidos...Desvios, sonhos
 apagados.
 Pontos atingidos? Quem sabe!
 Caminhos de cada um...Não do que se
 idealizou...

FAÇA, LACE!

Faça o que faça,
Faça o que tem,
Lace, deslace,
Entrelace, abrace
Laços de bem.

CHEGA, CHEGA DE POBREZA!

Chega, chega de pobreza!
Olhe só a carrocinha,
Com tanto papel, papelão e papelucho...
Fininho, Gostosa e Atropelo,
Quero mais ser um doutor.

Pra isso vou estudar
Estes livros de direito,
Jogados todos no lixo
Do Sr. Desembargador.

Amanhã vou à Suplência
Ver se dá pra freqüentar
E começar estudar.

Ainda vou fazer carreira
E muita gente defender.
Também, a família ajudar,
Em tudo melhorar.

Vamos, meus cachorrinhos,
Chega, chega de pobreza!
Vocês serão companheiros
Nesta busca do futuro

Cate aqui, cate acolá...
Continhas, palavras ao léu.
Quero, quero aprender!
Um doutor, eu hei de ser...

ENCANTO GUARDADO

Há gerações percorro espaços,
Quantas pessoas nasci e renasci...
Fazia desenhos rupestres nas paredes
de cavernas sem fim.
Transportava ânforas em meio a
banquetes de Imperadores.
No aflorar do cristianismo, vi-me cercada de feras
em circos romanos.
Cigana, a rodopiar saias, com pandeiros ornados
de fitas coloridas, dançava com pés descalços,
esvoaçando meus negros cabelos, que acompanhavam
as cantigas dos trovadores.
Acampava, nos feudos,
Cumprimentava os cavaleiros e valentes nobres,
Partindo em cruzadas combatentes
Aos muçulmanos invasores...
Por vezes, penetrava, curiosa, em góticas catedrais
De torres voltadas ao céu, enlaçando enormes pilares...
Continuo meu caminho.
Ora livre, ora fechada, calada...
Quem sabe atinja as estrelas,
Tão brilhantes, tão faiscantes,
Levando o encanto que guardo
Neste doce recanto,
Que se chama coração...



UM BUQUÊ DE ROSAS

Sábado, final de semana.

O trabalho estafante da empresa a consumira: pedidos do chefe, anotações, reuniões sem fim, sem fechamentos.

A saia justa e sapatos altos, suados e desgastados no vaivém dos chamados.

Enfim, em casa... As cortinas suaves dançando na janela, entreabrindo-se para a cidade coberta do lusco-fusco das luzes.

Um banho morno, refrescante tiraria o cansaço e traria ânimo.

Agora, o oásis... Encontraria com ele, seu amado amor.

Rapidamente, vestiu-se, perfumou-se, tornou-se bela.

A mesa seria arrumada: um candelabro enfeitaria o centro, além das iguarias e copos cristalinos.

Entrou, beijou-lhe, delicadamente, as faces.

Dançaram músicas prediletas, envolvidos no espaço de paz.

As cortinas esvoaçantes mostravam as primeiras horas do dia.

Partiu... Restou um buquê de rosas, colorindo a mesa posta com reflexos da luz do candelabro.



DUAS, POR FAVOR!

Duas duplas: cantores, trovadores,
Duas dúvidas: ser, não ser,
Duas doses: de líquido, de sal,
Duas dores: da alma, do amor,
Duas estradas: da vida, do sonho,
Duas medidas: da Terra, do céu,
Duas portas: entrada, saída,
Duas dúvidas: partir, ou ficar,
Duas faces: imagem, realidade,
Duas gotas: alegria, saudades,
Duas horas: olhares, desencantos,
Duas jarras: rústica, ofuscante,
Duas luzes: puras, faiscantes,
Duas músicas: doces, sentidas,
Duas nuvens: cinzas, claras,
Duas pás: de semear, de ocultar,
Duas roupas: de festejar, de recolher,
Suas senhas: de encontrar, de esquecer,
Duas telhas: de cobrir, de proteger,
Duas vezes: de falhar, de acertar,
Duas, por favor! Corpo e alma.



AQUELES OLHOS NEGROS

Olhos negros puxados,
Bastante amendoados,
Pronúncia-estrangeira,
Italiano aportuguesado.
Gestos gentis, maneira refinada,
Um cavalheiro perfeito,
Para uma dama enamorada.

Mineira era a donzela,
De sorrisos toda ela.
Sempre, espalhava alegria,
Pela cidade e vila.

Ele, homem esforçado,
Era, também, formado.
Médico era a profissão,
Gratificante sua missão.

Consulta não cobrava,
Remédios só doava
Para pessoas carentes
E muitos clientes doentes.

Desta feliz união,
Dois filhos nasceram então.
Seguindo os passos dos pais,
Trazendo sempre a paz.

E a vida foi caminhando,
Até que um dia partiu,
Para o céu penso que subiu...

Deixou o povo chorando,
Sempre, sempre o relembrando.
E a mineirinha entristeceu,
Nunca, nunca o esqueceu...

Numa noite enluarada,
Olhou o céu, apaixonada,
Duas estrelas cintilantes
Espalhavam um brilho brilhante.

E uma música entoou,
Por onde a brisa levou,
Nos dizeres escutou:
Caminha, caminha amada,
Ao seu lado estarei,
Tudo, tudo lhe darei.

TARDE DE VERÃO

Mormaço...

Beira-mar, final de ano.

Guarda-sóis pipocam as praias,

Imensos girassóis, rodopiando,

Colorindo o escuro das areias,

Escondendo mágoas, lembranças, dores...

Despedida de algo ido, sofrido, percorrido...

Esperanças no amanhecer.

Talvez, sonhos nascer,

Talvez, esquecer,

Ao viver na ilusão,

De mudanças não mais em vão,

Tornando, retornando

Aos projetos de então.

Quem sabe? Resgatar, desamarrar,

Caminhar em novas estradas,

Jamais desvirtuadas,

Encontrar brisas suaves,

Passos amorosos,

Mãos acariciantes,

Palavras melodiosas,

Acordes harmoniosos,

Ou, apenas, uma tarde de verão...

SANDUÍCHES...ESPECIAIS!

Último dia do ano...
Mais uma etapa vencida,
Mais um ciclo de vida,
Combatido, ultrapassado.
O que vem agora? Novos caminhos?
Ilusões? Esperanças?
Por isso, resolvi fazer sanduíches.
Sanduíches especiais,
Oferecidos, por qualquer preço,
Aos passantes, a quem os quiser.
Vejam, que delícia!
Pães manipulados, confeccionados
Com produtos naturais,
Procurados o ano todo,
Em cantos desconhecidos deste imenso Universo.
Abro a cesta, em que estão embalados,
Resguardados de toda impureza:
Patês de carinho com folhas de amor;
Queijos de sonhos, salpicados com orégano de estrelas;
Presunto de alegria, vermelho e cheiroso, de hibiscos,
Brotados no coração;
Pedacinhos desfiados, coloridos, de pensamentos positivos,
Descobertos em reflexos solares;

Creme de leite de paz, buscados nas noites de luar.
Os ingredientes dos pães, brancos, integrais,
Foram selecionados,
Evitando grãos de conflitos, mágoas, tristezas,
E, sobretudo, lágrimas salgadas, sentidas e amargas.
Quem quer? Quem compra os meus sanduíches?
Preço abaixo do custo...

Apenas um olhar, um abraço apertado,
Um beijo de amor, perdão, esperança.
Quem quer? Quem quer?
Estou pronta pra vender...
Basta ter o coração aberto para comprá-lo...

Menina triste, vire a face,
Afine o instrumento da vida,
Reúna os fragmentos em celeiro sereno.
Ouça o som tangente de uma música,
Deixe sua ave voar
Por caminhos-sonho, recolhendo flores-esperança.

